

01 Perdigonzer

Flávio Henrique

Juliana Perdigão clarone, clarinete e flauta

Maurício Ribeiro guitarra e rhodes

Thiakov baixo

Mateus Bahiense bateria

Bruno Santos vibrafone

César Santos wah-wah

André Abujamra guitarra solo

Maurício Ribeiro e Flávio Henrique arranjo

A orquestra já tocou
O maestro até se despediu
Todos querem ver você cantar

Juliana Perdigão voz e flauta

Pablo Castro guitarra

Maurício Ribeiro piano e wurlitzer

Thiakov baixo

Mateus Bahiense bateria

Pablo, Thiakov e Maurício coro hare krishna

Riu de rivotril
do tranquil até apraz
com olcadil
ficou de pé

Tem que entender que tem que dar
Tem que entender que tem que dar
Tem que entender que tem que dar pra receber

Tem que caber pra **becapar**
Tem que caber pra **becapar**
Tem que caber pra **becapar** no HD

Inconformado com a derrota pro **Bangu**
saiu de campo com o orgulho rebaixado
uma bagana da Tijuca pro Caju
entrou em cana e viu o sol nascer quadrado

Diz o ditado que o apressado como cru
e quem não come como é classificado?
quando não sobra nem a raspa do angu
morrer de fome inda não foi interditado

Riu de rivotril
do tranquil até apraz
com olcadil
ficou de pé até que

Riu de rivotril
do tranquil até apraz
com olcadil
ficou de pé

Tem que entender que tem que dar
Tem que entender que tem que dar
Tem que entender que tem que dar pra receber

Tem que caber pra **becapar**
Tem que caber pra **becapar**
Tem que caber pra **becapar** no HD

Indignado com o acréscimo dos juros
firos deu
embebado e caindo de maduro
o muro doeu

Desencapado fio é fel de baiacu
toma tento, tem cuidado que o perigo mora o lado
dentro
eu

Juliana Perdigão voz e clarinete

Pablo Castro guitarra e voz

Maurício Ribeiro wurlitzer

Thiakov baixo

Mateus Bahiense bateria

André Abujamra voz

02 Cada Voz

Tulipa Ruiz

Tire sua fala da garganta
e deixa ela passar por sua goela
e transbordar da boca
deixa solto no ar
toda essa voz que ta aí dentro deixa ela falar

Você pode dar um berro
Quem sabe não pinta um eco pra te acompanhar

Cada voz tem um tom
Cada vez tem um som

Ai ai ai ai ai

03 Fio Desencapado

Makely Ka

Incorporado num caboclo belzebu
o dito-cujo captou o meu recado
fio pelado e buraco de tatu
só mete a mão quem tem o cubo avariado

Quem tá sentado numa sorte de urubu
tem que benzer pra ver se quebra o mal-olhado
fumar cachimbo de haxixe pra Exu
e ver se Vishnu nos deixa imunizados

Riu de rivotril
do tranquil até apraz
com olcadil
ficou de pé até que

04 Casa Grande

Pablo Castro

Quando o preto do olho do louro
enxergar seu reflexo no espelho
seu cabelo que era liso e claro
enrolar-se num bombril perfeito

E o amarelo, o vermelho e o preto
repararem na tez do mulato
o que é branco, o que é índio, o que é negro
afinal o que em nós é tão nato

Casa grande e senzala no jeito
num terreiro apelidos pros santos
mamelucas de Darcy Ribeiro
eram elas que comiam os brancos

E seus filhos já eram brasileiros
cultivando alimento nos campos
enquanto vinham navios negreiros
arrastando iorubás e bantos

A cor brasileira vai se espalhar
miscigenando o ar
e transcendendo a dor
vai revelar

Tupi **iorubá**
pardo mameluco
caboclo cafuzo
negro xacriabá

Juliana Perdigão voz
Pablo Castro guitarra e voz
Maurício Ribeiro piano, wurlitzer e voz
Thiakov baixo
Mateus Bahiense bateria
Daniela Ramos percussão

05 Arrepio

Pablo Castro

À **meia-boca**
no pé do ouvido
ouvido escuta boca sentido
mão palma tato
sopro do pio
curso que segue o sangue no rio
veia que pulsa
enfrenta o frio
vira de curva vai no desvio
costa que encosta
ponta do cio
corre que escorre o som do arrepio

Arrepio, **arrepio**, arrepiei eu

A louca língua
desanuvio
sal sente o seco úmido mio
gozo que posso
vazão do rio
compasso teso som desvario
fresta do sexto
solto sentido
boca que suga o suco do cio
ponto que encontra
meio do umbigo
manta que esconde o quente do frio

Arrepio, arrepio arrepiei eu

Pé planta pulmão
sopra o assovio
braço embarço cheio vazio

Tudo que toca vão da libido
ponta do dedo em duplo sentido

Juliana Perdigão voz e flauta
Pablo Castro violão e voz
Maurício Ribeiro wurlitzer
Thiakov baixo
Mateus Bahiense bateria e percussão

06 Miroir

Gustavo Ruiz Juliana Perdigão

Nada nos antecedeu
explosão do mundo
lapso entre a luz e o breu
espelho profundo

Reflexo fractal
vaga atmosfera
sopra nova era
muito além

Do que se espera
o amanhã já foi

O que vem aconteceu
quem diz isso sou eu
o que foi ainda está por vir
já não estou aqui

Tempo sideral
linha no espaço
que não tem começo
e nem fim

Essa hora é agora já
Essa hora é agora já
Essa hora é agora já
Essa hora é agora já

Juliana Perdigão voz
Maurício Ribeiro violão
Mateus Bahiense marimba
Du Macedo cavaquinho
Gabriel Brescia voz

07 Recomeçaria

Luiz Gabriel Lopes

E o que viesse ao final
responderia por nós e nos desataria

Enquanto a nota soasse no ar
enquanto a volta somasse mais

E algo mais que um passo fosse desaguar no dia-a-dia
e ao final a vida recomeçaria
recomeçaria
e afinal a vida recomeçaria

Sei que o nosso encontro aconteceria

Juliana Perdigão voz e clarinete

Pablo Castro violão

Maurício Ribeiro escaleta

Yuri Vellasco percussão

08 Vendaval

Thiakov

Nos teus olhos vi por dentro
são sintomas do teu vendaval
que me gira meio ao vento
e me entorna nesse espiral

Pode ser bem de manhã
pode vir sem avisar
tua fúria não tem hora
pra poder desabrochar

Teu conhecimento oculto
teu poder de previsão do céu
tua órbita gigante
tuas luas e o teu anel

São apenas impressões
que o tolo pode ter
não se encontra calma
em teu jeito de viver

Me espera
a fera
a noite me espera

09 Céu Vermelho

Brisa Marques Vitor Santana

João Pires

Deixa morrer a flor como se morre o céu
deixa passar a dor de esconder no véu
seus olhos traduziram grãos de liberdade
sob a tua burca uma boca arde

Let the flower die as dyes the sky

Cai o céu vermelho-areia
é quase **quarta-feira**, a feira já não traz
a feira já não faz da face o seu segredo

Freiras do subúrbio
muros do altar

Let the flower die as dyes the sky

Juliana Perdigão voz

Thiakov guitarra

Maurício Ribeiro wurlitzer e teclado

Pablo Castro baixo

Mateus Bahiense bateria e percussão

Gabriel Guedes sitar

Juliana Perdigão voz e flauta

Pablo Castro guitarra e voz

Maurício Ribeiro rhodes e voz

Thiakov baixo e voz

Mateus Bahiense bateria

Vitor Santana voz

Mauro Rodrigues flauta

10 Gangorra

Maurício Ribeiro Zéfere

Quando a gente tá sozinho
logo busca companhia
e se um caso é o caminho
tá sozinho é o que queria

Só decora esse refrão
quem nasceu cabeça-oca
quem, se pensa, é sem razão
faz de vaca e vai com as **ôtra**

Quem tolera feito tolo
sua própria ignorância
vai morrer sem um consolo
com o rei que crê na pança

Quem malgrado a tempestade
passa arado em pensamento
preparado pra mais tarde
não semeia novo vento

Nada é dado nesta vida
nesta vida tudo é dados
pra ganhar uma partida
rola o dado bem rodado

Quando o jogo é ser feliz
é melhor jogar a dois
sem rival e sem juiz
parceria ora pois

O amor tal qual gangorra
sobe, desce, volta e vai
faz pensar que a gente voa
faz pensar que a gente cai

Mas se um sobe e o outro desce
um não cai nem o outro voa
só assim o amor se tece
só assim move a gangorra

Quando um bate o pé no chão
o outro sobe não é à toa
já projeta outra impulsão
força pra que o amor não morra

Mas se um dia um se cansa
volta inerte pro refrão
de quem crê o rei na pança
e acha boa a ilusão

De que humano é só engano
faca cega ou de dois gumes
pisca-apaga sem ter plano
coração de vagalume

Que se a gente tá sozinho,
logo busca companhia
e se um caso é o caminho
tá sozinho é o que queria

E repete feito um crente
baboseira e ladainha
que repete toda a gente
como toca a campainha

É melhor deixar de lado
de querer prorrogação
já que jogo mal jogado
não melhora no fim, não

É melhor que o outro aceite
que tem gente que derrama
sempre, sempre, o mesmo leite
chora, chora, e nunca mama

Juliana Perdigão voz

Maurício Ribeiro violão, rhodes e baixo

Mateus Bahiense bateria e percussão

Rômulo Frões voz

Analu Simão percussão

Guilherme Pimenta violino

Laura Von Atzingen violino

Sofia Von Atzingen viola

Felipe José violoncelo

Juventino Dias trompete

Jonas Vitor saxofone

Alaécio Martins trombone

Leonardo Brasilino trombone baixo

Maurício Ribeiro arranjo

11 Cidade Baixa

Rômulo Fróes Nuno Ramos

Luz do sol que bate no farol do carro
que brilha na vidraça branca
e espalha o seu calor na praça

Luz do sol, que é linda, mas é só saudade
o meu destino é tão, e é grave
pierrô preso à cidade baixa

Não vou mentir, a tua imensidão
é feita de outro sopro e coração
pra outro cara, um outro vento
eu não aguento, eu sou só um

Quem sabe numa outra encarnação
eu seja um pássaro de asa azul

Um sabiá serei, agora não

E um céu só meu, verde e ateu
será quintal e o meu quinhão

Ó luz do sol, tudo que eu quero é chão

Juliana Perdigão voz e clarinete

Pablo Castro guitarra e voz

Thiakov baixo e voz

Maurício Ribeiro wurlitzer e voz

Mateus Bahiense bateria e bumbo

Evandro Archanjo flautim

Jonas Vitor saxofone

Alaécio Martins trombone

Natália Coimbra bombardino

Aldo César tuba

Tarcísio Braga caixa

Yuri Vellasco prato de choque

Nailor Proveta arranjo

12 Que Bom

Renato Negrão

Que bom
que bom
que bom
que bom
ser contemporâneo seu
assim você não precisa atravessar paredes nem eu

O ser é ilimitado
o não-ser é imitado
que pode o tempo comigo
se a ampulheta é um templo de areia em vidro

A cada mini pensamento grão
que desce e cresce o vão
agora e dantes
querendo eu saio depois e chego antes

Juliana Perdigão voz

Pablo Castro guitarra e voz

Maurício Ribeiro guitarra e voz

Thiakov baixo e voz

Mateus Bahiense bateria

Carlos Careqa voz

Por isso é que eu te digo meu amigo
não busco outro abrigo
nem brigo em pensamento

Eu só não tenho é tempo
para estar em contratempo
e por viver nesse instante
ganhei você de presente

Que bom
que bom
que bom
que bom
ser contemporâneo seu
assim você não precisa atravessar paredes nem eu



13 Hortelã

Cristiano Vianna
Pedro Portella

Irei partir
recomeçar

Do ponto que perdi
ao me ver passar

Desapercebida

À procura do sinal verde da cor do hortelã

Juliana Perdigão voz, clarinete e violão

Pedro Santana baixo acústico

Mateus Bahiense bateria

Benjamin Taubkin piano

Guilherme Pimenta violino

Laura Von Atzingen violino

Sofia Von Atzingen viola

Felipe José violoncelo

Maurício Ribeiro arranjo



Texto de amigo é problema. O primeiro problema é a demora. Você pede o texto e o sujeito diz, claro, e passam-se dois, quatro, seis meses e você com o disco, o livro, a exposição na boca do forno e nada do texto. O segundo problema é quantas vezes você se encontra com o amigo no meio do processo e falam, entre desinteressados e desesperados, sobre o assunto: mas sobre o que? vai ser o texto. De que? vai falar. E será? que fica pronto. E o amigo com cara de paisagem. Inútil paisagem. Então, por isso, sem mais delongas, Juliana Perdigão, aqui vai o texto que te prometi. Lembro da primeira vez que te vi, que deve ter sido apenas a primeira que eu me lembro. Na nossa cidade nos vemos muitas vezes antes de acenarmos uns aos outros com a cabeça. O endereço era uma cobertura que eu preguiçosamente ocupava na Rua Santa Rita Durão e o ensejo, não poderia ser mais oportuno, o Natal. Você me visitou e cantou, como uma gata vadia, na cozinha daquele apartamento enquanto eu fatiava verduras distraído. Daí eu me lembrei de ter te visto cantando, meses antes, com tantos amigos em comum, num palco qualquer. Daí eu aprendi que você simplesmente canta, verbo intransitivo. Não faz muito caso disso, mas quando canta a gente te escuta, verbo transitivo. Daí me lembrei que você também toca o clarinete e, talvez por isso, cante sem fazer tanto caso ou drama disso, acostumada em emitir sons audíveis da região da face. No final te levei no elevador e te disse que curtia teu jeito de cantar. Você sorriu meio tímida e a porta fechou. E desde esta noite a nossa conversa se projetou não apenas para o futuro mas também para trás. Em infinitas varandas, revelamos lembranças em comum, esfrangalhadas mas existentes, de músicas e noites na nossa cidade. Do Squat à Fundação. Ou seria o contrário? Quem lembra sabe. Daquela noite até o teu disco, descobrimos nos conhecer desde sempre. É desta eternidade, Juliana, que eu queria te falar nesta carta.

Pra mim, o divórcio que houve entre a música e o cotidiano brasileiro — era pra falar canção popular e classe média, mas passa assim também — é irreversível. Por isso eu só posso acreditar na música no presente. E cantar o passado é, muitas vezes, viver o presente. Por isso em rodas de sambas gastamos os nossos melhores anos. E você, com teu *Álbum Desconhecido*, de título inspirado e colaborações mais do que elevadas (este texto escusado), tange justamente este problema, “coisa nossa”, ao elencar autores, em sua maioria, desconhecidos e novíssimos. Música feita da matéria presente, do tempo presente. Esta tua eleição está bem porque no tempo de hoje nos projetamos no passado. E só vamos honrar o nosso “passado de glória”, o nosso “samba tradição”, se colocarmos um “objeto não identificado” no meio da sala. A nossa vingança é poder convidar para a festa dos vivos quem a gente quiser. Só não vale viver do passado. Esta fricção entre o passado e o presente se sente no teu trabalho e no de todos nós que desafiamos a tradição como estagnação. Acompanhei algumas prévias ao vivo deste disco, feito de canções singelas, como você me ensinou, e sei que a diversidade de registros que está aqui não é ecletismo mas parte da sua personalidade artística. Te vendo cantar no palco, vi uma instrumentista afiada, uma *bandleader* leal, uma diva mal disfarçada, uma bamba cachaceira, uma intérprete de verdade, na hora de escolher, cantar e dirigir o arranjo. Tais e tão complexas são as tuas mil faces. Mas prometi a mim mesmo despir-me das vestes do crítico para escrever esta carta. O terceiro, último e fatal problema de texto de amigo, Ju, é que não há objetividade que resista à nossa conversa, que já passa de anos e que vai durar muitos mais anos. E, agora, para sempre. Dever cumprido. RM. *Guarulhos, 26 de maio de 2011.*



Dedico esse disco aos colegas

Pablo Castro, Maurício Ribeiro, Thiakov e Mateus Bahiense.

E aos professores

Paulo Sérgio Santos, Ernani Maletta, Marcinho Sant'anna, Mauro Rodrigues, André Abujamra, Nailor Proveta e Benjamim Taubkin.

Agradeço muitíssimo a todos os músicos e compositores presentes no disco.

César Santos, Robertinho Brant, Kadu Vianna, Marina Machado, Rômulo Fróes, Gisele Jota, Érika Machado, Aninha Macedo, Rafa Barros, Flávia Mafra, Janaina Pimenta e Ilka Brescia. Cacá, Luca, Maurício e todos da YB, Benjamim Taubkin e Núcleo Contemporâneo. Cao Guimarães, Máximo Soalheiro, Simone Pazzini e Lucas Sander, Rodrigo Moura e Juliana Araújo. Kristoff Silva, Rafael Macedo, João Antunes, Chico Amaral, Caio Gracco e Ana Martins Marques. Voz e Cia, Corta Jaca, Graveola e o Lixo Polifônico, Elefante Groove e Quatro na Roda. Escola de Música da UFMG, Cefar, Rubner de Abreu e todos da Fundação de Educação Artística.

Muito Obrigada!

Gracias a toda minha família em especial a Flávia, Gabriel, Léa, Humberto, Cristiano, Gustavo e Lena.

Ritoca, Carol, Ana, Núcleo1, Caique, Cosca, Dani Ramos, Du, Humbertão, Hermã e todos os amigos de sempre.

Ao hidratante, macio, suave e perfumado patrocínio da Natura.

Gravado no Estúdio Verde (BH) entre agosto de 2010 e março de 2011

Gravação e Mixagem: César Santos

Voz da faixa Vendaval gravada por Fabrício Galvani no Estúdio Aberto (BH)

Direção Musical: Maurício Ribeiro e Juliana Perdigão

Produção Musical: Maurício Ribeiro, César Santos e Juliana Perdigão

Direção Artística: Juliana Perdigão

Masterizado nos estúdios YB por Carlos "Cacá" Lima

A&R: Maurício Tagliari

Label Manager: Allana Moraes

Produção Executiva: Chachafinho

Gestão: Ana Macedo

Projeto Gráfico: Máximo Soalheiro

Assistente: Fernando Andrade

Imagens: frames do filme Ex Isto de Cao Guimarães

Fotos dos músicos: Simone Pazzini

Texto: Rodrigo Moura

Mídia Digital: Maurício Cascemiro